

# A Geografia na Contemporaneidade

## 2

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
<a href="#">Ana Carolina Lydia</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
<a href="#">Iapony Rodrigues Galvão</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
<a href="#">Ismael Donizete Cardoso de Moraes</a>	
<a href="#">Vanilton Camilo de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
<a href="#">Cássia Hack</a>	
<a href="#">Celi Nelza Zülke Taffarel</a>	
<a href="#">Sicleide Gonçalves Queiroz</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
<a href="#">Reinaldo Pacheco dos Santos</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
<a href="#">Fátima Regina Cividini</a>	
<a href="#">Valdir Gregory</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
<a href="#">Romisval Silva dos Santos</a>	
<a href="#">Elane Bastos de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

**CAPÍTULO 8 ..... 83**

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821128**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821129**

**CAPÍTULO 10 ..... 109**

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211211**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211212**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211213**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva Renata Felinto Farias Aires Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>193</b>
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato Emerson Ferreira da Silva Irene Carniatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo Maria Morgana Santos Santana Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha André Avelino Cabanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>233</b>
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>249</b>
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos Gilmar Oliveira da Silva Elane Bastos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso Mariluci Neis Carelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>269</b>
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>280</b>
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>294</b>
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>309</b>
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211226</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>319</b>



## O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

### **Alice do Carmo Jahn**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
Departamento de Ciências da Saúde, Palmeira  
das Missões – RS

### **Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
Palmeira das Missões – RS

### **Elaine Marisa Andriolli**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS

### **Antônio Joreci Flores**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
Departamento de Administração, Palmeira das  
Missões – RS

### **Maria da Graça Porciúncula Soler**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
Departamento de Ciências da Saúde, Palmeira  
das Missões – RS

**RESUMO:** No presente artigo faz-se uma reflexão teórica acerca das implicações que o processo de expropriação da Terra Indígena Inhacorá acarretou à vida dos Kaingang ao retornarem ao seu Território, com destaque à saúde. O estudo faz parte da inserção acadêmica no Programa de Extensão em Desenvolvimento Regional Sustentável desenvolvido nessa TI, localizada no município de São Valério do Sul, Rio Grande do Sul, (RS) – Brasil. Nessa TI habitam cerca de mil e trezentos indígenas que, após terem sofrido a violação de seus

direitos territoriais e culturais e a imposição de uma política integracionista, procuram resgatar e manter viva sua tradição, seus saberes e práticas em defesa de uma atenção diferenciada nos diversos aspectos em seu coletivo, visando a sustentabilidade indígena e o respeito ao seu pensamento cultural. Os Kaingang buscam parcerias para refletir sobre a construção de propostas e caminhos voltados às suas prioridades, como vem acontecendo com a inserção da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mediante a aproximação dos saberes interculturais e a convivência entre os interlocutores, a temática saúde é um dos desafios na perspectiva de uma atenção diferenciada que respeite os saberes e práticas culturais, além da importância de os profissionais de saúde da aldeia aliar aos seus os saberes culturais do Kuiã, parteiras e dos Kofá Kaingang. Este estudo, potencialmente, propicia a realização de outros que envolvam os indígenas e seus projetos de vida coletiva, respeitando seus saberes tradicionais, sua organização social e o protagonismo Kaingang. Também poderá nortear estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, em especial na condição de um novo campo de estudos e saberes interculturais, gerando produções contributivas para a promoção do desenvolvimento sustentável, revitalização e resgate da cultura indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Índio, Kaingang, Cultura, Diversidade, Território, Saúde.

**RESUMEN:** El presente artículo introduce una reflexión teórica acerca de las implicaciones que el proceso de expropiación de la Tierra Indígena Inhacorá (T) ocasionó a la vida de los Kaingang al retornar a su Territorio, con destaque para la salud. El estudio hace parte de la inserción académica en el Programa de Extensión en Desarrollo Regional Sostenible desarrollado en esa TI, ubicada en la municipalidad de São Valério do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. En esa TI habitan cerca de mil treientos indígenas que, tras haber sufrido la violación de sus derechos territoriales y culturales y la imposición de una política integracionista, buscan rescatar y mantener viva su tradición, sus saberes y prácticas en defensa de una atención diferenciada en su colectivo, con vistas a la sostenibilidad indígena y el respeto a su pensamiento cultural. Los Kaingang buscan alianzas para reflexionar sobre la construcción de propuestas y caminos dirigidos a sus prioridades así como ha ocurrido con la inserción de la Universidad Federal de Santa Maria – UFSM. Por medio de la aproximación de los saberes interculturales y la convivencia entre los interlocutores, el tema salud es uno de los desafíos en la perspectiva de una atención diferenciada que respeta los saberes y prácticas culturales, además de la importancia de que los profesionales de salud de la aldea suman a los suyos los saberes culturales de Kuiã, parteras y de los Kofá Kaingang. Este estudio potencialmente incentiva la realización de otros que envuelvan los indígenas y sus proyectos de vida colectiva, respetando sus saberes tradicionales, su organización social y el protagonismo Kaingang. Además podrá orientar a los estudiantes y profesionales de distintas áreas del conocimiento, en especial en la condición de un nuevo campo de estudios y saberes interculturales, generando producciones que contribuyen para la promoción del desarrollo sostenible, revitalización y rescate de la cultura indígena.

**PALABRAS CLAVE:** Índio, Kaingang, Cultura, Diversidad, Territorio, Salud.

## INTRODUÇÃO

A participação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através de seu Campus em Palmeira das Missões, localizado na região Norte do estado do Rio Grande do Sul, representa importante oportunidade para a inserção acadêmica em programas, projetos de cunho de extensão e pesquisa, em especial, pelas características e potencial que a região agrega, devido à diversidade sociocultural: a presença significativa de indígenas, em especial os da etnia Kaingang, no sentido quantitativo.

A etnia Kaingang encontra-se presente no território adjacente da UFSM – Campus Palmeira das Missões, RS. Os Kaingang são falantes da língua Jê, pertencente ao grande tronco Macro-Jê, dividido, no Brasil, em três grupos: Jê Setentrionais, Jê Centrais e Jê Meridionais, que incluem os Xokleng e o Kaingang (D'ANGELIS, 2012). Dentre os idiomas, os Kaingang mantêm o maior número de falantes entre as línguas Jê (PORTAL KAINANG, 2017).

Os Kaingang constituem um dos cinco povos indígenas mais numerosos do Brasil Meridional, com uma população em torno de 45.620 pessoas (ISA, 2017). Ocupam espaços em centros urbanos e no rural, Terras Indígenas demarcadas e distribuídas em seus antigos territórios, localizados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul são em torno de 18.000 índios, sendo a maior concentração nas regiões Norte e Noroeste gaúcho (IBGE, 2010).

Em sua trajetória histórica, o povo Kaingang sobreviveu a diferentes estilos de vida impostos pelo processo de colonização, sofreu todos os tipos de violência — física, moral, cultural — e a expropriação de seus territórios que, na atualidade, é uma de suas maiores lutas para que o Estado proceda a (re)demarcação das Terras Indígenas (TI) conforme preconizado na Constituição Federal de 1988. Os índios expulsos de suas terras e aldeados buscaram manter, de todas as formas, suas bases culturais, saberes e práticas de sua medicina, organização social e cosmovisão dual Kaingang, Kamé e Kanhru.

Na organização social do Kaingang uma das características presentes está relacionada ao dualismo simbólico, em que os indígenas se referem às metades ou marcas a que pertencem, ou seja, Kamé ou Kanhru, as quais estabelecem a base da organização de sua cultura e influenciam as concepções de mundo e as relações de vida que estabelecem na coletividade. As metades ou marcas possuem características assimétricas que se complementam enquanto unidade social. Uma depende da outra para dar continuidade à metade oposta.

A dualidade não está presente só nas pessoas; ela permeia toda a natureza, as plantas, animais, o sol, a lua, pois, de acordo com a cultura do povo Kaingang, na natureza tudo se relaciona com as metades. Para Borba (1908), Kamé e Kanhru são heróis que teriam sobrevivido ao dilúvio no início dos tempos e que deram origem aos Kaingang na atualidade.

Quando houve a reintegração e retorno à sua terra Indígena, os Kaingang encontraram um cenário modificado e descaracterizado do seu estilo de vida e cultura. Das paisagens com densas florestas e rica biodiversidade se depararam com o desmatamento e espaços com uma realidade diversa que impôs aos indígenas desafios e necessidades de outros saberes, experiências, adaptações, revitalização e o resgate dos saberes culturais. Para os indígenas, a terra, não significa somente um meio de subsistência, mas é o suporte da vida social vinculada diretamente ao sistema de crença e conhecimento (JAHN, 2015; RAMOS, 2001).

A relação no contato interétnico forçou os Kaingang a ocupar e a usufruir de pequenos espaços de sobrevivência, acompanhado do aumento da população que passou a conviver em espaço delimitado, influenciando a dinâmica de vida dos indígenas. Uma realidade diferenciada da tradicional característica de vida desse grupo étnico impulsionou-os a outras formas de arranjos e práticas de sobrevivência. Com isso, modificou a forma de utilização dos espaços de circulação e também da disponibilidade de recursos naturais renováveis, impactando no estilo de vida e cultura

do Kaingang. Essa nova conformação incide e pode ser observado na escassez de ervas e plantas para diferentes usos, carência de certos alimentos, matéria-prima para confecção do artesanato, entre outros elementos que fazem parte da cultura desse povo.

A exemplo da história dos povos indígenas no Brasil, os Kaingang da Terra Indígena Inhacorá-RS vivenciaram a violação de seu território, mas “continuam lutando e vivendo diante de muitos desafios, entre a certeza e incertezas de continuidade na vivência cultural” (CIPRIANO, 2014, p. 37). Os reflexos do contato interétnico acarretaram profundas consequências na vida dos Kaingang, somados aos sucessivos conflitos que ocorreram entre índios e colonos, ainda verificados na contemporaneidade.

O processo de expropriação das terras indígenas ocorrido ao longo dos anos e a drástica redução dos seus territórios acabaram impondo aos índios outros aprendizados e a busca para a conservação da cultura. Os reflexos da nova configuração dos territórios indígenas também repercutem no quadro Sanitário. Os índios passaram a contrair agravos que não faziam parte de suas vidas que desafiam o sistema de saúde Brasileiro, na implementação de políticas públicas contundentes com a diversidade sociocultural (JAHN, 2015). Observa-se que uma das maiores lutas do povo Kaingang acontece pela demarcação de seus territórios e propriedades, e também buscam melhorias na atenção à saúde de forma equânime e diferenciada do tradicional saber da biomedicina.

Para o Kaingang, a obtenção de seus espaços e territórios indígenas é entendida como a terra dos filhos de seus filhos (ARESI, 2008). Na evolução das políticas de saúde, a VIII Conferência Nacional de Saúde de 1986, atrela a saúde aos determinantes sociais, dentre eles o direito do cidadão à conquista a sua propriedade e território. Nesse sentido, o que se coloca não é a lógica da produtividade, mas o entendimento no meio sociocultural do Kaingang sobre os saberes e práticas terapêuticas que podem ser compartilhados e adotados na saúde- doença (JAHN, 2015).

Assim, questiona-se: Que implicações o processo de expropriação gerou na vida dos Kaingang ao retornarem a Terra Indígena Inhacorá – RS? Na tentativa de trazer elementos culturais sobre a temática, o objetivo do presente estudo consiste em: refletir acerca das implicações que o processo de expropriação da Terra Indígena Inhacorá acarretou na vida dos Kaingang ao retornarem ao seu Território, com destaque à saúde, um dos eixos de prioridade nos debates e preocupações dos indígenas. O assunto expressa o pensamento Kaingang na defesa da cultura que carece ser abordada e introduzida no fazer dos profissionais da saúde, visando uma atenção diferenciada e equânime.

## **SOBRE O POVO KAINGANG: BREVES INFORMAÇÕES**

Estudos sócio-históricos indicam que o povo Kaingang é habitante milenar do Brasil Meridional. Povoaram uma vasta região que se estendia nos estados de São

Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também possuíam aldeias na Província de Misiones, na Argentina, onde eram chamados de Tupis (AMBROSSETI, 2006; BECKER, 1995). Eram regiões cobertas por densas florestas de araucária, de modo que o pinhão foi a base de sua alimentação durante o inverno, entressafras e estiagens. Praticavam a caça, a pesca e a agricultura com roças de milho, feijão, mel, abóbora, entre outros. Os Kaingang foram descritos como coletores e agricultores (VEIGA, 1994). Na atualidade a sua principal fonte de economia provém da venda do artesanato.

No sistema econômico do Kaingang, Tommasino (1995) diz que o estabelecimento do grupo nessas áreas geográficas correspondia aos padrões culturais apresentados pelos grupos Jê. Para a autora, “[...] os Kaingáng sempre se fixaram em terras de planalto e isso nos remete para o mito da origem Kaingang, onde há a referência a Serra de Krinjijimbé que nos permite formular a hipótese de uma idealização específica de território” (TOMMASINO, 1995, p.61). O mito da origem Kaingang trata da divisão cósmica dos gêmeos Kamé e Kanhru, os ancestrais de seu povo que teriam sobrevivido a um dilúvio (BORBA, 1908).

Os Kaingang, na atualidade, povoam centros urbanos, acampamentos e periferias às margens de rodovias, TI reconhecidas oficialmente pelo Estado e administradas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em quatro estados: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Estado do Rio Grande do Sul o Kaingang está distribuído nas regiões ao Norte e Noroeste gaúcho, no Planalto Médio e Alto Uruguai e região Central (BECKER, 1995; CRÉPEAU, 2002; IBGE, 2010; VEIGA, 2006).

Na organização social do Kaingang, uma das principais formas de visualização do sistema dualista pode ser observada nas trocas matrimoniais, as quais são regradas pela exogamia patrilinear. As patrimetades Kaingang representam um aspecto da organização e concepção dual do universo. De acordo com os mitos de origem os irmãos gêmeos, Kamé e Kanhru, atribuíram nomeações a todos os seres do universo. As metades para o Kaingang são percebidas como cosmológicas ligadas aos heróis ancestrais que emprestam os nomes a elas (CRÉPEAU, 2002; FERNANDES, 1998; 2003; NACKE, 2007; SILVA, 2001; VEIGA, 2006).

No dualismo que classifica os membros pertencentes ao povo Kaingang, Kamé está relacionado ao ponto cardinal Oeste, as pinturas corporal os desenhos são riscos compridos (râ téi). Os Kanhru correspondem ao ponto cardinal Leste, e as pinturas do corpo são em forma de pontos arredondados, círculos (râ rôr) (NACKE, 2007; VEIGA, 2000, 2006; ROSA, 2005). O povo Kaingang tem procurado manter os traços e as características estruturais de seu modo de ser, sua organização social, cosmovisão, preservando aspectos distintivos a formação das metades ou clãs, a religiosidade (Kiki), o uso da medicina tradicional e de seu curador nas práticas de saúde-doença (PEREIRA, 2005; RAMOS, 2008).

Na sequência do texto citam-se algumas informações do caminho adotado nas aproximações interculturais com os Kaingang da TI Inhaçóra – RS, e o cenário do

estudo.

## O ITINERÁRIO ADOTADO NA APROXIMAÇÃO CULTURAL

As aproximações acadêmicas com os indígenas Kaingang da Terra Indígena Inhacorá vem acontecendo há aproximadamente um ano e meio, período em que está sendo desenvolvido um projeto de pesquisa-ação. O presente estudo faz parte da inserção da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), com o Programa de Extensão em Desenvolvimento Regional Sustentável, aprovado mediante edital do Fundo de Incentivo à Extensão (FLEX), desenvolvido na referida TI.

Destaca-se que as aproximações acadêmicas com os Kaingang da TI Inhacorá foram motivadas após o contato com indígenas desse território, quando docentes da UFSM participavam na formação do Comitê Territorial Indígena na TI Guarita, município de Redentora - RS, em novembro de 2015. Na ocasião, soube-se que a UFSM-RS desenvolvia um projeto de extensão junto à comunidade indígena adjacente ao município citado. Os participantes da TI Inhacorá manifestaram interesse e solicitaram que o projeto também fosse estendido à sua comunidade, argumentando que a presença da Universidade entre eles, constituiria um canal importante para ajudá-los em suas demandas, por exemplo na saúde.

Outros elementos que corroboraram a aproximação intercultural são: a receptividade da liderança e comunidade às iniciativas acadêmicas, o baixo Índice de Desenvolvimento Humano-IDH 0,642, e também pelo fato de o território ser pouco contemplado em projetos governamentais de diferentes instâncias. Para refletir sobre as implicações que a expropriação da Terra Indígena Inhacorá acarretou à vida dos Kaingang ao retornarem para o seu Território, a metodologia adotada consistiu no uso de diversos instrumentos e técnicas, privilegiando as modalidades participativas, dentre as quais: rodas de conversa, oficinas de aprendizagem, dinâmicas de grupo, seminários, mutirões e feiras com mostras de produtos da cultura.

As informações da observação participante são registradas em diário de campo e fazem parte de um banco de informações que vão gerar outras produções com proposições que venham ao encontro das prioridades do grupo social Kaingang.

Inicialmente, os encontros na TI Inhacorá ocorreram com as lideranças indígenas, profissionais e gestores de diferentes entidades que atuam no território, e, paulatinamente, com a comunidade. As frequências dos encontros foram quinzenais, período da manhã e tarde, ou de acordo com a solicitação e demandas da liderança da TI. A seguir expõem-se alguns elementos que situam o cenário da pesquisa.

## SITUANDO O CENÁRIO DA PESQUISA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA INHACORÁ

A TI Inhacorá está organizada em uma só aldeia, possui 2.843,38 hectares e se localiza à margem direita do Rio Inhacorá, a 14 quilômetros da sede do município de São Valério do Sul – RS, distante 443 quilômetros da capital do Estado. Uma característica importante é a aldeia ser habitada exclusivamente por cerca de 1.300 indígenas Kaingang, o que revela uma característica diferente se comparada aos demais territórios habitados por índios desse grupo. Na TI Inhacorá não há a presença de pessoas brancas residindo nela. Constituem uma das terras de posse mais antigas, demarcada em 1921 pelo governo Estadual. Destaca-se que em 1962 o governo do Estado destinou 3.049 hectares para agricultores, e 1.750 hectares para uma Estação Experimental da Secretaria de Agricultura.

As informações acima vêm ao encontro da usurpação das terras indígenas pelo Estado Brasileiro. Após manifestações dos índios e acirrados embates e enfrentamentos, em 1990 os índios recuperaram a Estação Experimental, com Título registrado no Cartório de Imóveis de Santo Augusto, em maio de 1991 (PORTAL KAINGANG, 2017).

A comunidade indígena Inhacorá é originária do município de Nonoai, RS, e se estabeleceu naquele território desde 1920, cultivando a cultura Kaingang, seu modo de viver e de se organizar, apesar das inúmeras adversidades que sofreram na manutenção enquanto grupo étnico. Isto pode ser verificado no sistema de casamento que se fundamenta na relação de metades étnicas Kaingang, Kamẽ e o Kanhrũ, que continua preservado na aldeia, sendo o principal modelo cultural, ou seja, para que o casamento se efetive, as marcas ou metades clânicas devem ser opostas. O casamento de um indígena com pessoas não indígenas não é permitido, embora seja consentido o casamento com outras etnias daquelas proximidades.

Entre os Kaingang, o compromisso e a responsabilidade no casamento são de grande valia e entendem que o mesmo é para sempre. Todo o casamento na TI é realizado conforme as leis internas sob a coordenação do cacique local, os conselheiros e alguns funcionários da Fundação Nacional do Índio – FUNAI (CIPRIANO, 2014).

Em relação à liderança é de conhecimento que o povo Kaingang possui uma hierarquia disciplinar. A autoridade superior na aldeia é a do cacique que é responsável pela manutenção e ordem na comunidade indígena, e um de seus papéis é o de realizar tratativas e articulações políticas de interesse do grupo em diferentes instâncias, entre outras responsabilidades, com auxílio de demais autoridades. Em casos de infrações ou intrigas entre os moradores a liderança estabelece punições internas.

O povo Kaingang de Inhacorá, em sua totalidade, é falante da língua materna, ou seja, a Kaingang. As crianças aprendem primeiro o idioma Kaingang com seus pais que, geralmente, só falam o idioma, especialmente quando estão reunidos em uma roda de chimarrão, recebem visitas ou quando se deslocam para o serviço do dia a

dia. A criança começa a aprender a língua portuguesa, na escola, a partir do segundo ano do processo de alfabetização. No quinto ano, a língua Kaingang passa a compor uma disciplina.

Conforme o relato do Cacique da TI, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Marechal Candido Rondon possui em torno de 475 alunos matriculados, tendo como diretor um professor Kaingang. A escola instituiu um calendário escolar diferenciado, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação do Estado Rio Grande do Sul. Nele consta que as atividades dos funcionários e professores começam em março de cada ano, e os alunos as iniciam em abril, sem intervalo no mês de julho. O término do ano letivo é no final do mês de novembro de cada ano, tendo cinco horas de aula por dia, o que corresponde a 160 dias letivos, totalizando 800 horas exigidas pelo Conselho Estadual de Educação.

É importante destacar que, na escola, se constata a presença de professores indígenas que estão buscando qualificações em Universidades a fim de contribuir para o processo ensino-aprendizado dos indígenas, e também na defesa de uma educação que corresponda aos anseios culturais deles de forma diferenciada em relação à sua cultura. Uma característica importante da escola, além do ensino, é a preocupação que se observa com a saúde e o bem-estar das crianças e famílias na forma como são acolhidas. Para as crianças são oferecidos café da manhã, lanche no recreio e almoço ao meio-dia. Os estudantes que frequentam o período da tarde se deslocam para almoçar com os alunos do turno da manhã. Além da referida escola, na aldeia existe o Instituto Estadual de Educação Ângelo Manhã Miguel – IEEAMM, que oferece formação no Ensino Médio e magistério, no sistema de alternância.

Os espaços disponíveis para a socialização na TI Inhacorá são: ginásio esportivo, salão comunitário e igrejas católica e evangélica. A autorização para instalação das igrejas na terra indígena é de responsabilidade do Cacique, ele é quem determina as regras internas, sendo que cada família tem liberdade para frequentar uma ou outra igreja, sem pressão por parte das lideranças.

O lazer da comunidade indígena também é realizado por meio de jogos esportivos promovidos pelos órgãos municipais com a participação da comunidade. São organizados torneios de futebol internos e fora da aldeia, quando os times de jogadores Kaingang disputam com times não indígenas, proporcionando uma aproximação cultural entre eles. Outro meio de socialização dos indígenas da aldeia Inhacorá é os bailes, conhecidos por bailões, que acontecem tanto na aldeia quanto fora dela, proporcionando aos jovens uma forma positiva de diversão, embora também represente uma vulnerabilidade, com envolvimento de jovens no consumo de bebidas alcoólicas, violência ou prostituição.

Em relação à economia na TI Inhacorá, na atualidade existem iniciativas de cultivos praticados pelos índios como meio de subsistência: mandioca, milho, batata doce, trigo, moranga, além da criação de aves e suínos. Alguns indígenas trabalham em órgãos públicos, desempenham as funções de professores; outros são beneficiários



de programas governamentais, e a renda também provém de aposentadoria. Porém, a maior fonte de renda das famílias provém da venda de artesanatos. Em relação às moradias, estas se assemelham às estruturas físicas dos não índios, possuem água encanada, energia elétrica, ausência de rede de esgoto e de sistema de coleta de resíduos sólidos.

Em relação à política partidária externa, há a participação dos Kaingang na gestão do município de São Valério do Sul. Na atualidade, existem três indígenas vereadores na Câmara Municipal. Essa condição se tornou viável devido ao número suficiente de eleitores Kaingang que viabiliza a eleição de três vereadores, com um número estimado de 600 eleitores. Embora haja essa representação política na Câmara de Vereadores, esse fato não assegura uma atenção privilegiada que contemple os interesses da comunidade indígena, porque isso não depende só da boa vontade dos vereadores Kaingang, mas também da base aliada do prefeito em exercício.

No convívio e interação com os atores sociais, eles problematizaram acerca das implicações que a expropriação da TI acarretou na vida dos Kaingang ao retornarem ao seu Território. Destacaram a importância de elementos primordiais na sustentação e permanência cultural, norteadas pela existência dos sábios como protagonistas: o Kuiã, as parteiras e os velhos (Kofá). Sobre os sábios Kaingang seguem algumas informações.

## **OS SÁBIOS KAINGANG COMO PROTAGONISTAS DA CULTURA INDÍGENA**

Para atender a comunidade indígena na saúde-doença existe uma equipe de saúde constituída por: enfermeiro, médico, dentista, agentes indígenas de saúde (AIS), agentes indígenas de saneamento (AISAN) e um motorista. Somados a esses profissionais os atores sociais destacaram a existência de pessoas que desempenham papel primordial na comunidade, que, além de preservar os elementos da cultura Kaingang, buscam resgatar e revitalizar a aplicabilidade de seus saberes e práticas de cuidado que emanam das parteiras, do Kuiã e Kofá. Para os Kaingang, esses sábios são referências na permanência da cultura, o que possibilitou o enfrentamento dos desafios gerados quando retornaram ao seu território.

No Brasil, a atenção à saúde aos povos indígenas teve como marco as missões religiosas unidas às políticas de governo. A Constituição Federal de 1988 é um divisor de águas na legislação indigenista brasileira porque eliminou o preceito da tutela e da integração, ao assegurar à diversidade cultural dos povos indígenas.

Na Constituição Federal observa-se uma mudança no paradigma da Política Indigenista existente até então, assegurando aos índios “seus costumes, valores e tradições, bem como as terras que tradicionalmente ocupam...” (Art. 231). Na Carta cidadã e na legislação subsequente está garantido, aos indígenas, o direito a uma atenção integral à saúde e esta deve ser em conformidade com sua especificidade étnica. A abordagem integral e diferenciada à saúde indígena, segundo Langdon (1998),

se justifica pela vulnerabilidade dos índios no quadro sanitário e da sua especificidade étnica.

Na TI Inhacorá, as parteiras, o Kuiã (Xamã) e os velhos (Kofá) são elementos centrais entre os Kaingang, por desempenharem um papel importante nos sistemas tradicionais de saúde-doença. Destaca-se que esse território é um dos poucos no estado do Rio Grande do Sul que conta com a presença do Kuiã, referência primeira acionada pelos índios nas práticas de saúde. A ele são atribuídos poderes de cura e de visão, com possibilidades de acessar planos sobrenaturais e do cosmos e de prever eventos futuros. O poder do Xamã (Kuiã) provém da capacidade de interlocução com os espíritos, atuando como mediador entre o domínio dos seres vivos e dos mortos, animais e vegetais, humanos e não humanos (ROSA, 2005; SILVA, 2002; VEIGA, 2000).

O Kuiã é uma figura do contexto e da tradição cultural Kaingang, considerada por eles o chefe espiritual, que realiza seu trabalho voluntariamente na comunidade, prestando serviços espirituais, inclusive para as pessoas de religião católica. Os serviços prestados pelo Kuiã são relacionados a benzeduras e preparo de remédios para os membros da comunidade, tanto para crianças quanto para adultos. Também tem o poder de acessar planos sobrenaturais e de prever eventos futuros. É um dos atores sociais mais importantes e quem detém o poder de cura e de se comunicar com os espíritos dos mortos.

Os Kuiã possuem um espírito companheiro, geralmente um guia animal, um Jangrê, orientado pelo complexo xamânico do Kaingang, com quem dialogam e sonham com a finalidade de prever, proteger e curar doenças. Dos ensinamentos do Jangrê transmitidos ao Kuiã provêm os remédios e o tratamento adequado para cada uma das doenças (JAHN, 2015; SILVA, 2002; VEIGA, 1994; CRÉPEAU, 1997).

Assim como o Kuiã, os Kofá também são respeitados na comunidade indígena por serem um esteio de força e vitalidade, possuindo o domínio das práticas e conhecimentos tradicionais da cultura, repassados pela tradição oral. Na cultura Kaingang, os índios valorizam os velhos, não considerando a cronologia e, sim, a sabedoria, o vasto conhecimento que é repassado de geração em geração.

O ser Kófa, para os Kaingang, não está atrelado aos anos de vida e nem à fisionomia que aparenta; esses aspectos não definem quem é, ou quem não é um Kófa. Tornam-se Kófa pelas relações que estabelecem dentro do grupo e ensinamentos que repassam, levando em consideração as construções do tempo sedimentado na existência das crianças. Entendem e afirmam que ser um Kófa envolve os índios e as índias que possuem crianças: filhos, netos ou bisnetos (JAHN, 2015).

Outra referência na comunidade são as parteiras, valorizadas e respeitadas na cultura Kaingang pelo vasto conhecimento que possuem sobre plantas e ervas medicinais que podem ser utilizadas no período gestacional e no momento do parto e em outros problemas de saúde específicos das mulheres. Preparam chás com ervas para o fortalecimento das mães; para facilitar a passagem da criança; para limpar

depois do parto; e outros são feitos para a mulher ter mais leite, e assim por diante, além de realizarem massagem para facilitar o nascimento do bebê (SACCHI, 1999; HAVERROTH, 1997).

Na TI Inhacorá existem parteiras que são referenciadas na comunidade, no entanto, destaca-se a medicalização das condutas terapêuticas, como a que acontece no pré-natal, no parto e em relação ao atendimento às índias para os partos cesáreos, os quais são referenciados pelo sistema oficial de saúde. Esse encaminhamento se processa independente das condições de saúde das mulheres e do desejo por esse tipo de parto. O fato de as indígenas utilizarem o sistema oficial de saúde, ganhar os filhos no hospital não significa que a medicina tradicional tenha sido esquecida.

O papel dos detentores do saber, parteiras, Kuiã e Kofá, mostra a importância de trabalhar a socialização dos saberes e troca de experiências como uma das formas de revitalizar as práticas tradicionais dos seus ancestrais. Percebe-se a necessidade de um diálogo entre os saberes da cultura indígena e o fazer dos profissionais da saúde, valorizando as práticas culturais Kaingang como parte de uma atenção diferenciada.

As práticas de cuidado que o Kaingang adota no processo saúde-doença tem como alicerce a cosmovisão e a cultura tradicional que mobiliza o coletivo. Dentre as práticas, os sábios da TI Inhacorá fazem uso de recursos terapêuticos com ervas, plantas e remédios do mato. Esses são elementos importantes na cultura Kaingang, os quais, por sua vez, também seguem a classificação dual: plantas escuras estão associadas à metade Kanhru, e as de cor clara ou brancas à metade Kamé. São empregadas com as mais variadas finalidades.

Haverroth (1997) realizou um estudo etnobotânico com Kaingang na TI de Chapecó, e identificou em torno de duzentas plantas usadas pelos indígenas. Para o pesquisador, a maioria das plantas está atrelada a três sistemas de classificação: simbólico, morfoecológico e utilitário. O uso das plantas dependia do contexto em que o Kaingang se encontrava, e modificava-se de acordo com a pessoa beneficiada, se homem, crianças, idosos, mulheres, animais, além das intenções e das interpretações das causas das doenças.

Observa-se, nos espaços intelectuais, que na cosmovisão Kaingang os saberes na saúde-doença transcendem a visão biológica do indivíduo, da unicausalidade traduzida em intervenções hegemônicas e curativas ancoradas na visão mecanicista. O paradigma clínico não constitui o princípio norteador do saber e das práticas de cuidados vivenciadas em determinado contexto sociocultural. A abordagem centrada no dualismo corpo-mente, visto como entidade fragmentada no paradigma biomédico dificulta a concepção de saúde doença como fenômeno multidimensional (JAHN, 2015; UCHÔA & VIDAL, 1994).

Para Longdon (2009), na década de 1970 houve avanços nas pesquisas utilizando a perspectiva cultural para entender as práticas de saúde. O desenvolvimento de correntes interpretativas trouxe novos elementos teóricos e metodológicos de análise entre indivíduo e cultura para abordar saúde-doença e cura (UCHÔA & VIDAL, 1994).

Saúde-doença passou a ser refletida e debatida de acordo com as diversas formas de existir das sociedades, expressas nas diferentes culturas e formas de organização.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A trajetória dos índios Kaingang foi marcada pela violência nas relações com os colonizadores, sofrendo a violação de sua cultura. Com a pacificação, muitos povos indígenas foram reduzidos drasticamente e sofreram com doenças contraídas do homem branco, contribuindo para colocá-los em situações de vulnerabilidade social. No Rio Grande do Sul, tentativas têm sido realizadas na construção de ações em saúde para as comunidades indígenas, porém, com poucos avanços, porque reproduzem o sistema da biomedicina sem olhar para a diversidade cultural e singularidades Kaingang.

Assim como outras etnias indígenas no Brasil, os Kaingang continuam vivendo diante de muitos desafios, vivem entre incertezas de continuidade na vivência cultural. Se os Kaingang defendem que são os proprietários das terras, tradição e história de seu povo, os colonos defendem também que as localidades em que vivem trazem uma história de permanência de seus ancestrais.

No trabalho reflexivo é possível dizer que os indígenas Kaingang continuam buscando uma readaptação ao seu território, enfrentando desafios e lutando permanentemente por seus direitos, tanto os sociais quanto a questão frente a terra e suas demarcações, buscando manter vivas suas crenças e cultura, tentando conviver com traços tão fortes de um assombroso passado, adaptando-se ao um território que lhes pertencia, mas que agora apresenta várias modificações. Embora modificado, existem, nesse território, potencialidades a serem exploradas mantendo viva a cultura dos Kaingang e revitalizando os elementos culturais evidenciados no ser e fazer dos sábios na perspectiva de uma atenção equânime e diferenciada no processo saúde doença.

Este estudo, potencialmente, possibilita futuros estudos e reflexões que envolvam os indígenas e seus projetos de vida coletiva, respeitando os saberes tradicionais, sua organização social e o protagonismo Kaingang. Também poderá ser um norteador para os estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, em especial na condição de um novo campo de estudos e saberes interculturais, gerando produções que contribuam para a promoção do desenvolvimento sustentável, revitalização e resgate da cultura indígena na construção compartilhada de conhecimentos visando à equidade na diversidade cultural.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, J.B. **Os índios Kaingang de San Pedro (Misiones)**. Tradução Thiago Bolivar. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006.
- ARESI, C. **Transformações culturais e território: o Kaingang da reserva de serrinha-RS**. 2008. 169f. Dissertação [Mestrado]- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BECKER, I.I.B. **O índio Kaingang do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 1995, 334p.
- BORBA, T. M. Actualidade indígena. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- BRASIL, Constituição Federal de 1988: Acompanhando as mudanças nas perspectivas sobre povos indígenas impulsionadas pelo movimento da sociedade civil organizada, a Convenção nº 169 substituiu o preceito legal da integração, que constava na Convenção OIT nº 107, (OIT, 1989, art. 6º).
- CIPRIANO, P. Terras habitadas por Kaingang, Terras habitadas por colonos: a história da divisão da Terra Indígena Inhacorá, 2014. CRÉPEAU, R.R. **A Prática do Xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional: uma breve comparação com o xamanismo bororo**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, a.8, n.18, p.113-9, 2002.
- D'ANGELIS, W.R. **A língua Kaingang. Portal Kaingang 2012**. Disponível em: <<http://www.portalkaingang.org>>. Acesso em: 15 jul. 2012.
- FERNANDES, R.C. **Autoridade Política Kaingang: um estudo sobre a construção da legitimidade política entre os kaingang de Palmas/Paraná**. 1998. 239f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- FERNANDES, R.C. **Política e parentesco entre Kaingang: uma análise etnológica**. 2003. 288p. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo, 2003.
- HAVERROTH, M. 1997 *Kaingang um Estudo Etnobotânico: O Uso e a Classificação das Plantas na Área Indígena Xapecó (oeste de S.C.)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Índios Zona Urbana e Rural 2010. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <[http://www.funai.gov.br/etnias/etnias/etn\\_rs.htm](http://www.funai.gov.br/etnias/etnias/etn_rs.htm)>. Acesso em: 20 set. 2017.
- JAHN, A. C. et al, Programa de Extensão em Desenvolvimento Regional Sustentável: o fazer universitário e as interfaces com o território indígena Kaingang por meio de ações multidisciplinares. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2017.
- JAHN, A.C. O Kófa: uma etnografia sobre velhice Kaingang. 2015. 143 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Enfermagem. Programa de Pós- Graduação em Enfermagem, 2015.
- LANGDON, E.J. Comentários. In: CECIL, G.; HELMAN, C. Doença versus Enfermidade na Clínica Geral. **Antropologia Social**, v.10, n.1, p.113-7, 2009.
- LANGDON, E.J. Saberes biomédicos e saberes indígenas: um desafio para a política de saúde indígena. **Rev Divulgação Cultural**, n.64, Janeiro/Abril, 1998.
- NACKE, A. Os Kaingang: passado e presente. In: NACKE, A.; RENK, A.; PIOVEZANA, L.; BLOEMER, N.M.S. (Orgs). **Os Kaingang no Oeste Catarinense: Tradição e atualidade**. Chapecó: Argos, 2007.

PEREIRA, W.S. A configuração do subsistema de atenção à saúde dos povos indígenas no Brasil e a consecução de políticas públicas diferenciadas para os Guarani e Kaingang no Rio Grande do Sul p. 36-54. In: SILVA, W.S.; OLIVEIRA, L.D. (Orgs). **Etnoconhecimento** e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul. Canoas: EdULBRA, 2005. p.156.

RAMOS AR. **Sociedades indígenas**. São Paulo: Ática, 2001. 96 p.

RAMOS, L.M.M. **Vênh Jykré e Ke Ha Han Ke**: permanência e mudança no sistema jurídico dos Kaingang no Tibagi. 2008. 255f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ROSA, R.R.G. A dinâmica do Xamanismo Kaingang. **Numem, Revista de Estudos e Pesquisa da religião**. Juiz de Fora, v.8, n.2, p.79-103, 2005.

SACCHI, A. C. Antropologia de Gênero e Etnologia Kaingang: uma introdução ao estudo de gênero na Área Indígena Mangueirinha/PR. (Dissertação em Antropologia Social). UFSC, Florianópolis, 1999.

SILVA, S.B. Dualismo e Cosmologia Kaingang: o Xamã e o domínio da floresta. **Rev Horizontes Antropológicos**, Porto alegre, v.8, n.18, p.189-209, 2002.

SILVA, S.B. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang**: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. 2001. 366f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2001.

TOMMASINO, K. **A história dos Kaingang da Bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê meridional em movimento. 1995. 383f. Tese. (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

UCHÔA, E.; VIDAL, J.M. Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença. **Cad Saúde Públ**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.497-504, 1994.

VEIGA, J. **Aspectos fundamentais da Cultura Kaingang**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006. 256 p.

VEIGA, J. **Cosmologia e Práticas Rituais Kaingang**. 2000. 301f. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VEIGA, J. **Organização Social e Cosmvisão Kaingang**: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê meridional. 1994. 219f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil**. , 2014. Disponível em: <http://https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/286> . Acesso em: 20 de setembro 2017.

PORTAL KAINGANG [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org) Acesso em 20 de setembro de 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-019-3

